

QUALIDADE NA FICÇÃO SERIADA INFANTOJUVENIL BRASILEIRA: O CASO DE TUDO O QUE É SÓLIDO PODE DERRETER

Leony LIMA, (UFJF)¹
Mariana MEYER, (UFJF)²
Vinícius GUIDA, (UFJF)³
Gabriela BORGES, (UFJF)⁴

Resumo: Diariamente, indivíduos de todas as idades se informam, se entretêm e consomem conteúdos televisivos. Neste cenário, a questão da qualidade na televisão se mostra de grande relevância (PUJADAS, 2013). O tema vem sendo estudado desde a década de 80, resultando em diretrizes que norteiam as programações públicas. A partir deste debate, este artigo tem o objetivo de refletir sobre a qualidade nos programas infantojuvenis. Para isso, definiremos indicadores de qualidade para analisar a série *Tudo o que é sólido pode derreter*. A trama imbrica os clássicos da literatura brasileira com os típicos conflitos da adolescência.

Palavras-chave: Qualidade; Ficção seriada; Tudo o que é sólido pode derreter.

Abstract/Resumen: Everyday, individuals of all ages are informed, entertained and consume television content. In this set, the issue of quality in television is of great relevance (PUJADAS, 2013). The theme has been studied since the 80's, resulting in guidelines that guide public programming. From this debate, this article has the objective of reflect about the quality in the kids and teen programs. For this, we will define quality indicators to analyze the series *Tudo o que é sólido pode derreter*. The plot approaches the classics of Brazilian literature with the typical conflicts of adolescence.

Keywords/Palabras clave: TV Quality; series; Tudo o que é sólido pode derreter.

A QUALIDADE NA TELEVISÃO

O debate acerca da qualidade na televisão vem sendo construído desde os anos 1980 em grande parte do mundo ocidental, principalmente no que se refere à construção de um serviço público que atenda as demandas da sociedade em que está inserido (BORGES, 2014). O próprio termo (qualidade) é espaço de embates teóricos ao passo que remete a subjetividade e poderia ser, portanto, inapropriado para a análise científica (BORGES, 2014). No entanto, a sistematização dos estudos sobre o tema permite-nos

¹ Graduando, 7º período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF. Bolsista de Iniciação Científica (CNPq) no Observatório da Qualidade no Audiovisual. E-mail: leonylima@globomail.com

² Graduanda, 7º período do Curso de Jornalismo da UFJF, bolsista de Iniciação Científica do CNPq no projeto Competências Midiáticas em Cenários Brasileiros e Euroamericanos e pesquisadora do Observatório da Qualidade no Audiovisual. E-mail: marianaagmeyer@gmail.com

³ Graduando, 5º período do curso de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFJF. Bolsista de Iniciação Científica (Fapemig) no Observatório da Qualidade no Audiovisual. E-mail: vinicius_guida@outlook.com

⁴ Professora e coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Coordenadora do Observatório da Qualidade no Audiovisual. E-mail: gabriela.borges@ufff.edu.br

perceber que a discussão sobre a produção de conteúdos de qualidade agrega uma série de elementos mensuráveis e passíveis de investigação.

Segundo Borges (2014), os discursos relacionados ao campo estão intrinsecamente ligados com contextos políticos, econômicos, sociais e culturais. Além disso, a composição da televisão está ligada a um conjunto complexo de atividades sob quais “pode ser definido um conjunto de objetivos, que são, na verdade, critérios através dos quais a qualidade das atividades pode ser avaliada” (BORGES, 2014, p. 26).

Discutido por Pujadas (2002), Pereira (2005, 2008) e Borges (2014), a qualidade da televisão está ligada a múltiplos fatores, e pode ser compreendida em quatro diferentes áreas: o sistema televisivo, os canais de televisão, a programação e os programas individuais. No primeiro âmbito, destacam-se os conjuntos de normas e leis que regulamentam a atividade televisiva em um determinado país e sua influência na produção. No segundo, considera-se tanto a programação quando sua relação com a construção de uma identidade própria do canal e de um projeto editorial original. No terceiro ponto, podemos destacar a capacidade de gestão das grades de programação percebidos em variáveis como, por exemplo, a adequação horária em relação ao público. Por último, no que se refere aos programas em si, ressaltam-se a criação de narrativas criativas e que não sejam previsíveis; a responsabilidade e capacidade dos profissionais envolvidos assim como a preocupação e atenção com os telespectadores (BORGES, 2014, p. 26-40).

Além disso, é importante ressaltar que os produtos midiáticos envolvem os componentes supracitados e outros que os diversificam um dos outros. Desse modo, destaca-se a televisão infantil com um âmbito ímpar e com características próprias a serem consideradas.

Nesse sentido, no que diz respeito à televisão infantil, Pereira (2005, p. 183-184) ressalta que um produto audiovisual de qualidade para este público vai além da simples ausência de violência ou ainda do alcance em relação aos pontos de audiência. A autora destaca algumas das principais questões sob os quais investigadores devem se debruçar ao lidar com programas produzidos para crianças tais como a localização do programa na grade (incorporando-o em horário adequado para visionamento desta parcela da sociedade); a promoção da cultura e das identidades nacionais; a qualidade estética e disponibilidade de múltiplas linguagens no que se refere à narrativa e expressão gráfica;

a ampliação do horizonte dos telespectadores a partir do desenvolvimento de histórias preocupadas com a atualidade e informação; assim como a experiência de consumo do público e suas particularidades.

Conforme apontam Pereira, Pinto e Pereira (2009, p. 167-169), os programas preferidos do público infantil “não são universos vazios, esgotados em numa estética formal autossuficiente [...] [e] as crianças não se limitam a escolher um único tipo de conteúdo”. Ainda, neste estudo, os autores perceberam que há variedade temática, de histórias, valores e personagens nas escolhas, mas ressaltam que alguns pontos são recorrentes tais como narrativas conflituosas, o uso de elementos mágicos e a predominância de referenciais de indivíduos brancos integrantes da classe média urbana.

No tocante ao público, é importante ressaltar o papel ativo dos telespectadores em relação ao consumo de conteúdos televisivos. Dorr (1986, p. 23) destaca a importância de se considerarem fatores sociais, históricos e cognitivos em análises que tem por objeto tais conteúdos, assinalando que as crianças não são meros receptores, mas desenvolvem sentidos a partir da narrativa.

Desse modo, o presente artigo pretende refletir a respeito da qualidade da programação infantil brasileira a partir da análise do programa *Tudo que é sólido pode derreter* (2009, TV Cultura).

METODOLOGIA DE ANÁLISE

Para elaboração da análise, adotamos a metodologia semiótica de Umberto Eco e dos estudos de Borges (2014) em relação a aplicação dos Planos da Expressão, do Conteúdo e a Mensagem Audiovisual (BORGES, 2014). Os indicadores do Plano na Expressão consideram a produção de sentido a partir da: ambientação; caracterização dos personagens; trilha sonora; fotografia; e edição. No Plano do Conteúdo, discute-se a qualidade em relação aos temas abordados pelos programas e abrange: ampliação do horizonte do público; diversidade; promoção da identificação do espectador; apelo à imaginação; conflito e personagens do programa (BORGES, 2014).

Os indicadores da Mensagem Audiovisual atuam com o objetivo de refletir sobre os dados obtidos na análise do Plano da Expressão em conjunto com o Plano do Conteúdo. Como pontua Borges, “a análise da mensagem audiovisual leva em conta o modo de endereçamento do programa, ou seja, a forma como este é construído para comunicar-se

com o público” (BORGES, 2014, p. 69). Portanto, a análise compreende inovação/experimentação; originalidade/criatividade; apelo à curiosidade; e solicitação da participação ativa do público (BORGES, 2014).

Quanto ao Plano do Conteúdo, o indicador ampliação do horizonte do público refere-se a abordagem de temas pouco conhecidos e que contribuem para ampliar o repertório cultural do telespectador (BORGES, 2014). Como pontua Borges (2014, p. 68) a análise da diversidade pretende identificar se há uma pluralidade, “tanto em relação aos temas escolhidos quanto aos diferentes sujeitos representados nos programas de televisão”. O indicador relacionado à promoção da identificação do espectador refere-se aos mecanismos que o programa adota para que o público se identifique com as narrativas abordadas (BORGES, 2014). O apelo à imaginação pretende mensurar de que modo e em que intensidade as narrativas estimulam o desenvolvimento das capacidades cognitivas e emotivas do público infantil. Por sua vez, a análise dos indicadores conflito e personagens do programa pretende abordar a forma em que os conflitos são estabelecidos na narrativa, bem como traçar o perfil dos personagens do programa.

Os indicadores que integram a Mensagem Audiovisual possuem o intuito de avaliar em que medida o programa apresenta um formato diferenciado e ideias novas que surpreendem o público, bem como seu formato, apresentação e abordagem dos temas (BORGES, 2014). Além disso, pretende-se identificar se a proposta do programa apela aos sentidos visuais e auditivos do telespectador e, por fim, os mecanismos utilizados para estimular a participação ativa do público, como, por exemplo, a disponibilização de sites, blogs, ou estratégias transmídias.

ADOLESCÊNCIA E LITERATURA COMO PONTOS DE PARTIDA

Tudo o que é sólido pode derreter é uma série infantojuvenil criada por Rafael Gomes e Esmir Filho produzida pela Ioiô Filmes para a TV Cultura. Exibida pela emissora entre 10 de abril e 3 de julho de 2009, a trama deriva do curta homônimo, dirigido por Rafael Gomes e filmado em 2005, vencedor de diversos prêmios de importantes festivais infantojuvenis como o *Oberhausen*, na Alemanha.

Exibida às sextas-feiras no horário de 19h30, a série foi posicionada em horário estratégico para atingir o público jovem. A programação da TV Cultura na época, segundo dados da Folha Ilustrada (2009), tinha forte presença de programas infantis no período da

manhã e da tarde. Boa parte de animações estrangeiras e reprises de programas próprios, como *Cocoricó* e *Castelo Rá Tim Bum*. Para anteceder *Tudo o que é sólido pode derreter* foram escolhidas a série juvenil estadunidense *Resgate do voo 29 (Flight 29 Down)* que tratava de jovens perdidos em uma ilha devido a um pouso forçado e o programa *Pé na rua* apresentado por Gabriela França e João Victor D'Alves apresentando quadros sobre cultura, estilos musicais e debates do universo jovem.

Os treze episódios acompanham a história de Thereza (Mayara Constantino), uma adolescente de quatorze anos, estudante do primeiro ano do Ensino Médio. A jovem acabou de perder seu tio Augusto (Luciano Chirolli), escritor e ator de peças teatrais. Dessa forma, também apaixonada por literatura, a jovem entra de cabeça nos livros que seus professores passam no colégio. Essa relação faz com que tudo da vida de Thereza (Mayara Constantino) vire uma releitura moderna de obras, que geralmente cobradas nos vestibulares das universidades, como *Os Lusíadas* de Luís Vaz de Camões, *Senhora de José de Alencar* e *O auto da barca do inferno* de Gil Vicente.

Thereza (Mayara Constantino) e os amigos de escola são pessoas comuns, da classe média paulistana. Estudam em uma escola pública, andam de ônibus, conversam pela internet. Passam por situações semelhantes às de muitos jovens nessa faixa etária, como a timidez, os problemas familiares e as questões existenciais. Num paralelo entre as leituras da sala de aula e os conflitos da adolescência, o diferencial da série está na relação direta entre as angústias da jovem e as reflexões provocadas pelas obras que ela estuda nas aulas de Literatura.

Realidade e ficção se imbricam na imaginação de Thereza (Mayara Constantino), onde autores e personagens ganham vida para interagir com o mundo contemporâneo. Outra ponte entre o real e o fantástico é o tio, já morto. Assim como os outros seres imaginados, ele aparece para a sobrinha, estabelecendo contatos que a ajudam a atravessar seus conflitos e a aguçar sua interpretação sobre os livros.

ANÁLISE DA QUALIDADE: PLANO DA EXPRESSÃO

A ambientação de *Tudo o que é sólido pode derreter* é fundamental para o desenvolvimento dos arcos narrativos da série. É partir dos conflitos na escola e em casa que Thereza (Mayara Constantino) estabelece, mesmo que muitas vezes de maneira inconsciente, a correlação com as obras literárias. Algumas sequências se passam nas ruas

de São Paulo, na acadêmica de natação da personagem, e em pontos turísticos da metrópole, porém apenas de maneira pontual.

Figura 1: Ambientação escolar



Fonte: Captura de tela

Além de trazer verossimilhança para a trama, a locação da escola pública contribui para a identificação do público. Por ser sido gravada em uma escola em São Paulo, o ambiente apresenta vários elementos que são instantaneamente reconhecidos pelos telespectadores. Tais como a ausência de aparatos tecnológicos e a presença de lousas de giz, carteiras e cadeiras de madeira e armários de aço.

Figura 2: Ambientação da casa de Thereza (Mayara Constantino)



Fonte: Captura de tela

A casa da protagonista reflete a realidade social e econômica da personagem. Nesse sentido, ao longo das cenas podemos acompanhar não só a relação que Thereza (Mayara Constantino) tem com a sua família, mas rotina da casa. Isto é, os atendimentos que Marta (Ana Andreatta) faz em sua residência, os produtos que Décio (Marat

Descartes) vende em sua loja, etc. Dessa forma, a ambientação cumpre a função de reforçar o universo ficcional e estimular a identificação do público.

Com exceção das sequências fantasiosas, que misturam mundos ficcionais da literatura e com os arcos dramáticos do episódio, a caracterização dos personagens apresenta poucas variações. Na maioria das cenas os personagens jovens estão usando o uniforme da escola, já nas sequências fora do ambiente escolar os personagens usam roupas genéricas. Isto é, o figurino não reflete diretamente a personalidade do personagem na trama.

Figura 3: Cena “Só não ganha quem não quer”



Fonte: Captura de tela

Já nas cenas onde Thereza (Mayara Constantino), por exemplo, conversa com personagens como Padre Antonio Vieira, o autor Gonçalves Dias, participa do programa “Só não ganha quem não quer” com o anjo e o demônio de *Auto da barca do inferno* ou assiste à telenovela *Senhora* tais personagens estão representados com roupas de época ou fantasias. Nessas sequencias fantasiosas, identificamos um esforço explícito para incluir em cena a obra a qual o episódio se refere. Podemos perceber a quebra de estereótipos na representação de *Auto da barca do inferno* com um demônio mulher e um anjo negro. Nesse sentido, de modo geral, a caracterização dos personagens na série dialoga com o contexto em que eles estão inseridos. Porém, não apresentam grandes variações e composições elaboradas.

As músicas presentes nas cenas da série procuram dialogar com o público alvo, sendo em maior parte rocks alternativos e indie pops, como *Quinto andar* de Tiê e *Sorte*

e *azar* do grupo Pato Fu. O recurso de trilha é bastante utilizado na série para construção de clima e ritmo nas cenas e também em transições.

A canção de abertura *As coisas*, de Érika Machado, se aproxima da poesia e do lúdico, num forte diálogo com a imaginação presente na série. Ainda na vinheta de abertura reforça-se a questão lúdica, já que a personagem interage com um livro *popup* onde, a cada página, os personagens fixos surgem junto a suas características marcantes como o de Dalila (Wendy Bassi) que busca a fama.

Figura 4: Abertura da série



Fonte: Captura de tela

Apresentando uma fotografia naturalista, a variação de iluminação e o uso de filtros podem ser observados apenas em cenas pontuais da trama. Como, por exemplo, quando Thereza (Mayara Constantino) imagina o pai de Marcos (Victor Mendes) dando sermões durante o jantar. Nesse contexto, a mudança da fotografia é usada na série para ressaltar alguma situação imaginada pela protagonista.

A série é pautada por uma edição linear, os acontecimentos seguem uma ordem cronológica. Apenas em alguns episódios como, por exemplo, o *O Guardador de Rebanhos* (Alberto Caeiro) que apresenta alguns *flashbacks* de Thereza (Mayara Constantino) e Dalila (Wendy Bassi). O recurso é usado para aprofundar e contextualizar o arco narrativo focado na amizade das personagens. O mesmo acontece quando a protagonista lembra das conversas que tinha com o tio, Augusto (Luciano Chirolli). Dessa forma, o uso da edição não linear não é predominante na trama.

ANÁLISE DA QUALIDADE: PLANO DO CONTEÚDO

O universo ficcional de *Tudo o que é sólido pode derreter* consegue aproximar os temas, muitas vezes complexos, de obras clássicas da literatura luso brasileira com o cotidiano dos jovens. Nesse sentido, conflitos como a autoridade dos pais, os amores platônicos, as amizades se tornam pontos de interseção com as discussões propostas pelos autores. Ao assistir a trama os telespectadores criam, mesmo que indiretamente, uma familiaridade com os assuntos e a proposta das obras. Dessa forma, podemos afirmar que a série da TV Cultura estimula a leitura e aproxima dos jovens dos grandes clássicos da literatura luso-brasileira.

Porém, é importante ressaltar que as discussões propostas pelos roteiristas não apresentam informações densas e complexas, elas servem como ponto de partida para despertar o interesse dos telespectadores. A ampliação do horizonte do público e o estímulo a reflexão de temas relevantes estão presentes no programa e cumprem a sua função de maneira eficaz.

Os temas abordados dialogam diretamente com o cotidiano dos jovens. Um aspecto interessante é a forma como essas discussões são apresentadas na série, estimulando sempre a reflexão e diversos pontos de vista. Essa questão pode ser observada nos diálogos de Thereza (Mayara Constantino) com o seu tio, Augusto (Luciano Chirolli). Nas sequências, a personagem repercute os acontecimentos e as suas opiniões de uma maneira muito enfática e unilateral, posteriormente Augusto (Luciano Chirolli) mostra outras questões que deveriam ser consideradas pela sobrinha. Dessa forma, os assuntos sempre são tratados, dentro da proposta da série e, considerando as limitações da duração do episódio, de modo dinâmico.

Ao longo dos treze episódios os jovens refletem sobre questões como a insegurança, a rivalidade, as dúvidas da primeira vez, a amizade e tem como pano de fundo as obras de distintas escolas literárias como humanismo, realismo, modernismo e simbolismo. O modo como essas obras são introduzidas na trama também é um ponto pertinente. Os assuntos não são tratados de maneira distante do público, pelo contrário há uma aproximação muito clara (e didática) entre os livros e os arcos narrativos desenvolvidos pela protagonista. Nesse sentido, os *plots* despertam a curiosidade do telespectador em conhecer melhor as obras e gera identificação com os conflitos vividos por Thereza (Mayara Constantino). As temáticas dialogam diretamente com o público alvo e são desenvolvidas da maneira coerente.

A trama também estimula a imaginação do público, já na abertura da série é possível observar elementos lúdicos. Na sequência, os personagens são apresentados dentro de um livro que Thereza (Mayara Constantino) está folheando. Cada um deles está inserido em um contexto característico como, por exemplo, Marta (Ana Andreatta) está no seu consultório e Décio (Marat Descartes) em sua loja de enxovais.

Todos os episódios têm como ponto de partida a obra de um escritor português ou brasileiro. Geralmente o livro/poema é apresentado durante as aulas de literatura e Thereza (Mayara Constantino) usa as discussões presentes na obra para refletir sobre seus problemas pessoais. Por exemplo, quando a personagem estava estudando *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, ela traçou um paralelo entre a relação dos personagens do livro com os problemas no relacionamento de Dalila (Wendy Bassi) e João Felipe (Bryan Ruffo). Nesse sentido, os episódios sempre exploram dois arcos narrativos centrais: o do livro e do cotidiano de Thereza (Mayara Constantino). A resolução dos arcos se dá no final do episódio, apesar de estarem inter-relacionados com todo o universo ficcional da série, é possível assistir e compreender os episódios isoladamente.

Tudo o que é sólido pode derreter é composto por doze personagens, oito no elenco fixo e quatro no elenco de apoio. No elenco fixo temos, Thereza (Mayara Constantino), Marcos (Victor Mendes), Dalila (Wendy Bassi), João Felipe (Bryan Ruffo), Letícia (Dalia Kochen), Décio (Marat Descartes), Marta (Ana Andreatta) e Tio Augusto (Luciano Chirolli). Já no de apoio temos, Ígor (Kauê Telloli), Professor (Ivan Kraut), Kit (Natália Moraes) e João (Guilherme Tortolio). A história não apresenta pluralidade nos sujeitos representados. O elenco recorrente da série não é diverso, apenas um episódio conta com a participação de um ator negro.

Figura 5: Thereza (Mayara Constantino)



Fonte: Captura de tela

Thereza (Mayara Constantino) é estudante do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública em São Paulo. A personagem é estudiosa, questionadora e curiosa. Apesar de ter um bom relacionamento com os seus pais, Marta (Ana Andreatta) e Décio (Marat Descartes), a jovem sente muita falta do tio Augusto (Luciano Chirolli). A morte do tio não é abordada de maneira aprofundada na trama, o telespectador só sabe que ele morreu repentinamente e que provavelmente se suicidou. Thereza (Mayara Constantino) segue o estereótipo de outras tramas seriadas tem se passam no âmbito escolar, é apaixonada pelo garoto popular do colégio que namora sua rival, Dalila (Wendy Bassi). Neste ponto a série reforça, mesmo em alguns momentos discuta superficialmente o machismo, o estereótipo da competição feminina e peca por não estimular a sororidade. Isto é, por mais que Thereza (Mayara Constantino) questione o porquê de não gostar de Dalila (Wendy Bassi) e faça as pazes com a amiga, vários conflitos da história são desencadeados tendo como mote a disputa entre as meninas.

Por ser tratar de uma série direcionada para o público jovem, os adultos são minoria no universo ficcional. No elenco fixo temos os pais de Thereza (Mayara Constantino), Marta (Ana Andreatta) e Décio (Marat Descartes), o tio Augusto (Luciano Chirolli). Marta (Ana Andreatta) é psicóloga e está sempre disposta a ouvir a filha e tirar suas dúvidas. Augusto (Luciano Chirolli) é o grande ídolo de Thereza (Mayara Constantino), mesmo após a sua morte a jovem imagina como seriam as conversas com tio. Envolvido com a arte, Augusto (Luciano Chirolli) sempre ajuda a sobrinha em reflexões e questionamento sobre as questões abordadas na série. Dessa maneira, os adultos representam uma espécie de refúgio para Thereza (Mayara Constantino).

ANÁLISE DA QUALIDADE: MENSAGEM AUDIOVISUAL

Os arcos narrativos de *Tudo o que é sólido pode derreter* são construídos com base na imaginação de Thereza (Mayara Constantino). Isto é, é partir da correlação que a protagonista faz da ficção com a realidade que os surgem os conflitos ao longo do episódio. Como, por exemplo, em *Os Sermões* (Padre Antônio Vieira) a personagem está lendo os ensaios para a aula de literatura e começa a questionar o relacionamento que ela tem com os pais. O mesmo acontece em *Macunaíma* (Mário de Andrade), quando Thereza (Mayara Constantino) usa trechos do romance de Mário de Andrade para se pedir desculpas aos amigos. Em alguns momentos a protagonista também imagina as possíveis

conversas que teria com o tio, caso ele estivesse vivo. Dessa forma, todo o universo ficcional da série é construído em torno da imbricação da realidade com a ficção.

Apesar de seguir o formato usual das narrativas ficcionais seriadas televisivas, isto é, a trama é estruturada a partir de três atos (introdução, crise e finalização). A proposta da série se torna pertinente por conseguir correlacionar o cotidiano dos jovens com as obras clássicas da literatura luso brasileira. Nesse sentido, o programa estimula o público a conhecer melhor os livros, poemas e autores que são abordados na atração.

A TV Cultura estimulou participação ativa do público por meio do site oficial. Além da disponibilização da íntegra dos episódios, músicas da série, galeria de fotos, informações sobre bastidores e livros digitais dos clássicos os quais a narrativa foi inspirada para *download* gratuito, a página contava com um *blog* assinado pela protagonista Thereza (Mayara Constantino).

Figura 6: Site oficial da série



Fonte: Captura de tela

Os posts buscavam trazer reflexões sobre os acontecimentos da série, sugestões de música como o post “Eu me transformo em outras”. O espaço do blog continha também opção para comentários dos telespectadores. Na postagem “Um post (bem) grande” de 27 de maio de 2009, foram escolhidos alguns comentários para serem respondidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os temas abordados em *Tudo o que é sólido pode derreter* refletem diretamente as questões que envolvem o público jovem. Isto é, a relação com os pais, o namoro, a paixão platônica, as amigas, etc. Pode-se afirmar que a partir disso, os telespectadores

conseguem se identificar facilmente com a trama. Elementos estéticos verossímeis como ambientação e caracterização de personagem bem como edição e uso de trilha sonora descritas na análise também colaboram com essa imersão do telespectador na trama. É a partir dessa aproximação do público que a série consegue introduzir de maneira eficaz os temas das obras literárias e gerar curiosidade nos jovens.

Em um estudo do conteúdo, fica claro que a trama não tem o objetivo de resumir as obras, mas de servir como ponto de partida para que o telespectador conheça os conteúdos. Dessa forma, os roteiristas encontram um meio terno eficaz para a história não ser explicitamente didática e professoral. Encontra-se na série também grande apelo a imaginação e ao sonho, bem como mensagens positivas à juventude, explicitadas pelas situações fantasiosas e diálogos fictícios com seu tio Augusto (Luciano Chirolí).

A série experimenta algo incomum no cenário nacional da época (2009): um diálogo com o público na internet expandindo a narrativa em outra plataforma, inclusive ampliando aspectos psicológicos da protagonista Thereza (Mayara Constantino) e promovendo um diálogo entre a produção e o telespectador.

Apesar de contemplar uma narrativa ainda superficial quanto a discussões acerca dos jovens, os conflitos de Thereza (Mayara Constantino) e as propostas das aulas de literatura e filosofia se imbricam de maneira natural e aproximam o público do universo ficcional possibilitando um primeiro contato com clássicos da literatura.

REFERÊNCIAS

BORGES, Gabriela. **Qualidade na TV pública portuguesa**. Análise dos programas do canal 2. 1. ed. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2014.

DORR, Aimée. **Television and children: a special medium for a special audience**. Londres: Sage, 1986.

FOLHA, Online, 2009. **Ilustrada**. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1004200905.htm>>. Acesso em 11 nov. 2018.

MEDEIROS, João Bosco. **Alucinação e magia na arte: o ultimatum futurista de Almada Negreiros**. 1991. 100 f. Monografia (Departamento de Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 1991.

MARCONI, Marina de Andrade. Cultura e sociedade. In: LAKATOS, Eva Maria. **Sociologia**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

PEREIRA, Sara. A qualidade na televisão para crianças. **Comunicar**, v.13, n. 25, p. 181-192, 2005. Disponível em <<https://goo.gl/6a6Fu7>>. Acesso em: 17 set. 2018.

_____. Crianças e televisão: convergências e divergências de um campo de estudo. In: SARMENTO, Manuel.; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. (Org.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____; PINTO, Manuel; PEREIRA, Eulália. **A Televisão e as Crianças**. Um ano de programação na RTP 1, RTP2, SIC e TVI. Braga: ERC, 2009.

PUJADAS, Eva. Televisión de calidad y pragmatismo. **Quaderns del CAC**, n. 13, p. 3-11, 2002. Disponível em <<https://goo.gl/n3mUoh>>. Acesso em: 17 set. 2018.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de pesquisa**. Rio do Sul: Nova Era, 2006.

TV CULTURA, Online, 2018. Disponível em: <<http://www.tvcultura.com.br>>. Acesso em 11 nov. 2018. Folha Ilustrada